

CROSS THE LINE
CRUZAR
A META

SIMONE SOLTANI

TRADUÇÃO
CÉLIA CORREIA LOUREIRO



CALENDÁRIO DAS CORRIDAS DE F1

~~Barém • 3-5 de março~~
~~Arábia Saudita • 17-19 de março~~
~~Austrália • 31 de março-2 de abril~~
~~Azerbaijão • 28-30 de abril~~
~~Estados Unidos da América (Miami) • 5-7 de maio~~
~~Itália (Imola) • 19-21 de maio~~
Mónaco • 26-28 de maio
Espanha • 2-4 de junho
Canadá • 16-18 de junho
Áustria • 30 de junho-2 de julho
Inglaterra • 7-9 de julho
Hungria • 21-23 de julho
Bélgica • 28-30 de julho
Férias de verão
Países Baixos • 25-27 de agosto
Itália (Monza) • 1-3 de setembro
Singapura • 15-17 de setembro
Japão • 22-24 de setembro
Qatar • 6-8 de outubro
Estados Unidos da América (Austin) • 20-22 de outubro
México • 27-29 de outubro
Brasil • 3-5 de novembro
Estados Unidos da América (Las Vegas) • 16-18 de novembro
Abu Dabi • 24-26 de novembro



PRÓLOGO

Dev

OUTUBRO – AUSTIN, TEXAS

Fiz merda. Caramba, fiz *muita* merda.

Ouço o meu engenheiro de corrida ao ouvido, a fazer-me perguntas do tipo «O que aconteceu?» «Estás bem?» e, mais importante, «Quais são os danos do carro?» Tenho de lhe responder, tenho de o tranquilizar e à equipa de que estou consciente depois de ter derrapado na gravilha e chocado contra uma barreira a quase cento e sessenta quilómetros por hora. Mas, por agora, vão ter de confiar nos meus sinais vitais que lhes são apresentados nos monitores, porque eu não consigo formular nenhuma frase. Não que haja alguma coisa fisicamente errada comigo. É só que o meu cérebro não está... presente. Está de folga. Ausentou-se para ir almoçar. E não é por causa do acidente.

– Dev? – a voz do Branny atravessa o nevoeiro, e é evidente através do rádio que se sente profundamente preocupado. – Consegues ouvir-me? Estás bem? Repito, estás bem?

– Estou bem – engasgo-me, ainda agarrado ao volante. Os nós dos meus dedos devem estar brancos por debaixo das luvas. – Mas o carro ficou destruído. Peço desculpa a todos. A culpa é minha.

Como todos os bons engenheiros, ele vai querer saber qual foi o problema, mas sabe que é melhor não perguntar pelo rádio da equipa, onde qualquer pessoa no mundo pode estar a ouvir. Vai esperar até que seja feito o interrogatório e, depois disso, posso levar uma coça do nosso CEO, do chefe da equipa e do meu mecânico-chefe. E vou merecê-la porque a culpa foi mesmo minha.

A culpa não foi do carro, da superfície da pista, de outro piloto ou de qualquer força da natureza. Não, fui eu que cometi um pecado mortal enquanto estava ao volante.

Distraí-me.

Não devia ter acontecido. *Nunca* aconteceu em todos os meus anos de corridas, e muito menos durante os cinco em que estive na Fórmula 1. Nunca deixei que a minha mente vagueasse tanto que me fizesse travar demasiado tarde e perder o controlo da traseira do carro. Mal tive tempo de reagir antes de colidir bruscamente contra as barreiras.

– Desliga o motor e volta para a *pit stop*¹ – diz o Branny.

Faço o que me mandam para não piorar mais a situação. Imagino o que os comentadores da televisão vão discutir acerca das possíveis razões do meu acidente. Já os consigo ouvir dizer «É uma grande desilusão, mas o que importa é que ele está bem».

Mas eu não estou bem. Longe disso. Fiz asneira da grossa, e não estou a falar do acidente.

Não consigo parar de pensar no que fiz, nem mesmo quando saio do meu carro em ruínas e me afasto dos danos no valor de milhares de euros. Se for honesto comigo mesmo, as coisas podem nunca mais voltar a estar bem.

Porque, na noite anterior, beijei a Willow Williams. E é como se já estivesse morto.

¹ Paragem técnica (automobilismo) durante uma corrida para fazer mudanças no carro (N. da T.)



CAPÍTULO 1

Willow

SETE MESES DEPOIS, MAIO – NOVA IORQUE

Quase incendiava o meu apartamento. Outra vez.

Fazer *macarons* não devia ser assim tão difícil. São pequenos e fofos, e a receita leva ingredientes muito simples, são só claras de ovo, farinha de amêndoa e açúcar. Portanto, pergunto-me o porquê, oh *porquê*, de não conseguir terminar uma única fornada sem fazer asneira?

– Oh não, oh merda – murmuro, enquanto agarro numa das luvas em cima do balcão e retiro os bolinhos, agora a fumar. De acordo com o temporizador, só deviam estar prontos daqui a cinco minutos e, mesmo assim, estão quase queimados. Ou a receita estava errada em relação à temperatura da cozedura, ou o meu forno veio diretamente do inferno. Aposto que é a segunda opção.

Estou desesperada por recriar o clássico *macaron* da famosa Pastelaria Stella Margaux porque, há um mês, a única loja em Nova Iorque fechou para obras e não consigo viver sem eles. Aquela notícia foi suficiente para considerar voltar para a costa oeste, onde existe uma Stella praticamente a cada trinta metros.

Por outro lado, se não conseguir encontrar um emprego nos próximos meses, talvez não tenha outra hipótese se não regressar a San Diego e viver com a minha família. Vim para Nova Iorque há quatro anos por causa da faculdade e tinha planos de cá ficar, quem sabe, o resto da minha vida. A minha educação foi financiada pelos meus fantásticos pais, com a condição de que, após a licenciatura, me iria sustentar sozinha. Na verdade, eles

não iriam ter qualquer problema em continuar a ajudar-me, e sem dúvida que têm a possibilidade de o fazer, mas estes são os meus valores. Fiz uma promessa e tenciono cumpri-la. Só não achei que fosse tão difícil.

Dei o litro durante a licenciatura e fiz duas especializações, em comunicação e *marketing* desportivo, e um *minor* em inglês, com novos estágios todos os semestres. Com toda aquela experiência, pensava que ia ser fácil encontrar um trabalho a tempo inteiro no departamento de *marketing* de uma equipa desportiva profissional, ou seja, o meu trabalho de sonho. Mas depois de dezenas de candidaturas ignoradas, nenhuma passagem à segunda fase após entrevistas e intermináveis mentiras do tipo «Entraremos em contacto», continuo desempregada.

Era muito pior se eu não me tivesse licenciado somente na semana passada, mas há meses que envio candidaturas, na esperança de já ter trabalho assim que me entregassem o meu diploma. O meu irmão conseguiu trabalho na área dele alguns meses antes de se licenciar, por isso, achei que não havia razão para não conseguir fazer o mesmo.

Ah. Que piada, porque aqui estou eu sem trabalho, com uma quantia cada vez menor na conta bancária e a duas horas de carro da Stella Margaux mais próxima. Não é a isto que chamo *viver a minha melhor vida*. Mas raios me partam se não me estou a esforçar.

– O que está a arder? – pergunta Chantal da porta da cozinha, e torce o nariz ao sentir o cheiro.

Suspiro e abro a janela, olhando de relance para a minha companheira de casa.

– Os meus sonhos e expectativas.

– Imaginei. Cheira tão mal.

Não consigo discordar.

– É a quarta fornada que destruo – lamento, enquanto me arrasto para ao pé dela. À procura de algum conforto, pouso a cabeça no seu braço. Não no ombro dela, visto que mal tenho um metro e meio e ela é praticamente uma modelo com um metro e oitenta. – Os primeiros não eram suficientemente doces. Os segundos eram tão rasos como crepes. Os terceiros estavam mal cozidos, e estes estão...

– A arder.

– Chamuscados – corrijo, enquanto me afasto e lanço-lhe um olhar de advertência. Mas não posso ficar muito zangada, porque estavam, sim, a arder a certa altura. – Não consigo acertar e não sei qual é o problema.

Neste momento, é praticamente uma metáfora para a minha vida.

– Faz uma pausa – diz Chantal. O tom é firme, mas com um toque de ternura. – Podes tentar outra vez amanhã.

Ela tem razão, e vou com certeza erguer-me e tentar outra vez amanhã, tal como faço sempre. Mas ela sabe que a minha frustração não se baseia só nos *macarons*. Sabe o quanto eu quero que a minha vida seja perfeita e o quanto me chateia não estar a conseguir tê-la. Sendo a minha companheira de casa desde o nosso primeiro ano de faculdade, foi testemunha de todos os meus altos e baixos e conhece de trás para a frente todos os meus sonhos e expectativas. Tenho sorte de que o seu trabalho de sonho como analista financeira, vá-se lá entender porquê, a mantenha em Nova Iorque. Não sei o que iria fazer sem ela.

– Vou encomendar comida para que ninguém tenha de entrar nesta zona catastrófica – tira o telemóvel do bolso de trás dos calções de ganga que revelam as suas pernas longas e castanhas. – E vai ver do teu telemóvel, está bem? Não para de tocar no teu quarto e está a dar comigo em doida.

Lanço-lhe um sorriso tímido.

– Desculpa. Não queria distrair-me, por isso deixei-o lá.

Ela levanta uma sobrancelha de forma brincalhona.

– Ou seja, não querias correr o risco de o deixar cair na batedeira outra vez.

A minha cara fica vermelha com a menção daquela tentativa culinária específica.

– Aconteceu só uma vez!

Ela atira as tranças para cima de um ombro enquanto sai da cozinha, com as missangas delicadas nas extremidades a cintilarem à medida que avança. Ajudei-a a escolhê-las na semana passada, o dourado e o azul são perfeitos para as temperaturas amenas e servem como uma despedida antes de começar o seu novo trabalho para a semana e ter de mudar para um penteado mais «profissional». Era maravilhoso se o mundo deixasse de dizer às mulheres negras o que é apropriado usar quando se trata do nosso cabelo, mas ainda não chegámos lá.

Com um suspiro, tiro o avental e penduro-o no gancho junto à janela. O tecido de algodão cor-de-rosa pastel esvoaça com a brisa quente, a trocar silenciosamente de mim e do meu fracasso. Nem me dou ao trabalho de olhar para os *macarons* carbonizados quando saio da cozinha e percorro o corredor estreito até ao meu quarto.

Pelo caminho, passo pela porta aberta da Grace e ouço um pouco da conversa que ela está a ter ao telemóvel. A julgar pelo grunhidos ocasionais e pelas (muito poucas) palavras em cantonês que compreendo, graças às lições que ela me deu ao longo dos anos, consigo perceber que está a falar com a mãe. Provavelmente a garantir-lhe que não vai perder o voo para Hong Kong amanhã, o que já aconteceu duas vezes.

Ela acena-me quando passo por ela, e sopro-lhe um beijo em resposta antes de entrar no meu quarto, na porta ao lado. O sol entra pelas minhas cortinas transparentes, e cria pequenas sombras na minha secretária. O meu telemóvel está ali em cima, entalado entre alguns produtos para a pele e uma caneca cheia de canetas de gel com purpurinas. O ecrã está escuro, mas quando o levanto vejo inúmeras mensagens e chamadas perdidas, todas do meu irmão.

A maioria das pessoas iria assumir que tinha ocorrido algum tipo de emergência, mas é assim que o Oakley funciona. Se não consegue falar comigo, ou com qualquer outra pessoa, na primeira tentativa, continua a ligar e a enviar mensagens até o atenderem. Não tem subtilidade alguma.

Não me dou ao trabalho de abrir nenhuma das vinte mensagens. Provavelmente, são só emojis e a palavra «Atende!!!!» repetida vezes sem conta. Em vez disso, toco no nome dele, levo o telemóvel ao ouvido e deixo-me cair sobre o edredão a olhar pela janela para o prédio de tijolo do outro lado da rua.

– Estava a ver que não – resmunga o Oakley, assim que atende.

– Estava ocupada – digo, vagamente. Se lhe confessar do meu fracasso na cozinha, nunca mais se vai esquecer. – O que se passa?

– Queres ir ao Mónaco?

Outra coisa acerca do meu irmão, não perde tempo com rodeios.

Já estou habituada, mas mesmo assim a pergunta deixa-me perplexa.

– Mónaco? – repito. – O país?

– *Sim*, Willow, o país – goza ele. – Tenta acompanhar.

Reviro os olhos, mostrando-lhe mentalmente o dedo do meio.

– Meu Deus, estava só a confirmar.

– Então? – imagino-o a apressar-me ao fazer círculos com a mão no ar, sempre tão impaciente. – Estás interessada ou não?

– *Sim* – respondo, apesar de desconfiar da oferta. – Quem é que não estaria? Mas porque é que me estás a perguntar?

– Porque vou para a semana e pensei que talvez quisesses vir comigo. Além disso, é um fim de semana de corridas, e...

Bufo e interrompo-o.

– Já devia saber que estava relacionado com corridas.

Quando era adolescente, a vida do meu irmão girava em torno das corridas de *karts*, o que o levou a uma carreira de sucesso, mas de curta duração, na Fórmula 3. No final, desistiu para ter uma vida dita «normal» e foi para a universidade. Pessoalmente, eu não teria desistido da oportunidade de ser atleta profissional por nada. Mas essa é a diferença entre mim e o Oakley: ele tinha opções na vida. Eu não.

– E – continua o Oakley – a minha empresa está a organizar um grande evento. Pensei que talvez quisesse conversar com os atletas e depois ver a corrida no *paddock*¹. Tenho passes, cortesia da SecDark.

Parte dessa experiência universitária dita «normal» do Oakley envolveu estudar cibersegurança. Foi recrutado durante o segundo semestre do último ano por uma das principais empresas desse setor, a SecDark Solutions, e trabalha para eles desde então.

Os negócios foram tão bem sucedidos que, recentemente, passaram a patrocinar várias equipas desportivas e atletas, entre os quais uma equipa de Fórmula 1, o que explica a festa e os passes para o *paddock*. Se não estivesse tão orgulhosa do meu irmão por ter subido na hierarquia de uma empresa tão próspera, estaria cheia de inveja.

Mas, tendo em conta que as vitórias dele me trazem benefícios, não me posso queixar que esteja melhor do que eu.

– Sei que não está a ser fácil encontrares trabalho – diz, antes que eu possa perguntar mais coisas acerca do evento –, mas esta pode ser uma boa oportunidade para estabeleceres contactos. Não desististe do sonho do *marketing* desportivo, pois não?

Rebolo para o lado e puxo os joelhos até ao meu peito. Sinto-me mais envergonhada com a gentileza do Oakley do que se estivesse a gozar comigo por continuar desempregada.

Uma carreira relacionada ao desporto sempre foi o meu sonho. Cresci a adorar basebol e basquetebol, adorava ir aos jogos com o Oakley e com o nosso pai, adorava a energia elétrica de uma multidão a torcer pela sua equipa favorita. Fiquei viciada desde o momento em que o pai me agarrou

¹ Parque, numa pista de corridas, onde os carros são preparados antes da corrida. (N. da T.)

pela mão e me levou ao meu primeiro estádio. Depois disso, não houve como voltar atrás.

Queria ser como as pessoas nos campo desportivos. Queria correr pelas bases e fazer remates a partir do meio-campo. Queria ouvir o meu nome a ser entoado, fazer com que ecoasse nas bancadas e batesse no coração dos adeptos.

Infelizmente, o meu corpo impediu que esse sonho se tornasse realidade. Apesar de terem sido precisos anos e inúmeros médicos até obter o diagnóstico de hipermobilidade, soube desde cedo que era diferente dos outros miúdos e que nunca iria conseguir fazer algumas das atividades que eles faziam. A minha carreira de basebol terminou depois de um ombro deslocado durante a primeira aula, e o basquetebol estava simplesmente fora de questão graças a todas as corridas e paragens repentinas que os meus joelhos instáveis não conseguiam suportar. Ser atleta não estava ao alcance das minhas possibilidades.

Portanto, depois de anos a observar e a aprender ndas bancadas, achei que o *marketing* desportivo era a segunda melhor opção. Podia continuar imersa num mundo que me trazia alegria e podia partilhar essa alegria com os outros. Ou poderia, se arranjasse um emprego.

– Não, não desisti – suspiro. – Ainda estou à espera de resposta de alguns sítios.

– Então, entretanto, vem ao Mónaco – diz ele. – Como disse, o evento vai ser perfeito para conheceres novas pessoas. Ou, que se lixe, considera-o umas férias oferecidas por mim. Uma mistura de prenda de licenciatura e de aniversário muito antecipada.

– Tudo numa só? – digo. – Uau, és *tão* gentil.

– Vamos ser honestos. Só estou a convidar-te porque a mãe me obrigou.

– Ou seja, devo agradecer-lhe a ela pelo convite e não a ti?

– Semântica – diz, ignorando o meu comentário. Depois, volta ao seu discurso. – Pensa em todas as pessoas que vais conhecer. Sabes quantos atletas e respetivas equipas vão estar na festa? Se não receberes nenhuma oferta de trabalho no fim da noite, mergulho de um penhasco.

Rio-me baixinho.

– Vais fazê-lo mesmo que não receba – ambos herdámos genes viciados em adrenalina. Eu simplesmente sei que é melhor não agir de acordo com os meus.

– Provavelmente – admite. – Mas a sério, Wills. É uma grande oportunidade. E nem tens de mexer um dedo. Eu trato de tudo.

Viro-me de costas e estudo o teto, enquanto torço a bainha do meu vestido entre os dedos.

– Juras que vai valer a pena? – contenho-me, mas a excitação já começa a florescer-me no peito. – Não quero estar fora muito tempo e perder uma entrevista.

– Juro. Podes ir na quarta-feira e voltar na segunda de manhã.

Solto um suspiro e penso no assunto. Ele tem razão. Pode ser uma excelente oportunidade para fazer novos contactos. E quem não iria gostar de passar uns dias num dos sítios mais fixes do mundo? Além disso, quem sou eu para recusar uma viagem gratuita?

– Está bem, está bem – digo, antes que o meu cérebro me consiga apanhar. – Leva-me ao Mónaco.